

# A investida totalitária contra o sistema de ensino

Tivemos oportunidade de fazer referência, em editorial publicado na última quarta-feira, à carta que nos foi enviada pelo leitor João Olyntho, que divulgáramos no dia anterior, carta que é um instantâneo fiel do galopante processo de ideologização da escola brasileira, com referência especial ao ensino público sob responsabilidade da nossa prefeitura, processo esse que é um componente da maior importância no contexto da ofensiva global da esquerda totalitária contra as instituições livres e democráticas.

Estamos todos mais ou menos fartos de saber que a esquerda totalitária, ciente do significado e da autonomia relativamente grande das chamadas superestruturas espirituais em relação à infra-estrutura material, mudou (ou pelo menos aperfeiçoou e diversificou) a sua estratégia para a conquista do poder: trata-se agora, para ela, de conquistar as instituições formadoras da opinião pública, de empalmar a sociedade civil, que tudo o mais virá como consequência. Daí o ataque concentrado aos meios de comunicação, às universidades e ao ensino em geral, bem como às igrejas, de modo a conquistar os espíritos, transformando-os em agentes ou instrumentos do projeto de dominação totalitária. A estratégia escolhida é perfeitamente compreensível e eficaz: afinal, é muito mais fácil inocular o vírus ideológico em ambientes em que o trato retórico com as palavras não é submetido, permanentemente, ao controle da realidade do que em atividades em que o peso do real se faz sentir com toda a sua força. Basta, para tanto, substituir os hábitos do livre exame e da reflexão crítica pelo trabalho de moldagem das mentes a partir de esquemas onicompreensivos, facilmente manipuláveis, que, aparentemente, tudo explicam e dão a razão última de todas as coisas. Tem sido esse, nos últimos anos, o principal caminho escolhido pelo totalitarismo esquerdista para a tentativa de dominação das sociedades democráticas.

Por essas sumárias observações pode já ver-se — e só não o vê quem não quer — que o sistema de ensino, da pré-escola à universidade, há de desempenhar um papel-chave na estratégia escolhida. Apossar-se do controle espiritual da juventude, desde a mais tenra idade, foi sempre, aliás, o caminho apontado por todos os “reformadores utópicos” para realizar, de forma segura e sem a necessidade sequer da violência física, o seu ideal de “sociedade sem conflitos”, unificada, em que todo pluralismo é crime, em que toda diferenciação é “indecente”, em que a afirmação da personalidade individual, com a liberdade, a responsabilidade, e o risco que lhe são inerentes, aparece como o mais grave de todos os pecados. Qualquer leitor do Platão de *A República* e das *Leis* ou do Fichte dos *Discursos à Nação Alemã* sabe perfeitamente de tudo isso.

Assim sendo, quando a história real desmente as leis preditivas da filosofia da história, como no caso da ideologia marxista, que é a bíblia, ainda que geralmente não lida, da esquerda totalitária, a forma de garantir a sua permanência é a possibilidade de inoculá-la nos espíritos, desde cedo, a fim de que as suas profecias irrealizadas encontrem uma outra via (sem que se perceba a contradição nos termos que tal procedimento envolve, pois que nega a tese medular do marxismo) que lhes dê, novamente, a oportunidade de realização que a realidade insistiu em negar-lhes. A obra da necessidade, revelando-se falsa, converte-se em obra da vontade, como já o patenteava o leninismo, que é o marxismo transportado para a prática ou o “marxismo possível”.

No Brasil, há muito essa estratégia vem sendo seguida, no mínimo desde os fins da década de 50, acentuando-se o trabalho de conquista ideológica da escola precisamente depois de 1964. O primeiro alvo visado pelos totalitários (no momento mesmo em que se verberava a subversão e eram demitidos, aliás, sem o menor critério, alguns docentes acusados de atividades comunistas) foi a universidade, iniciando-se nesta uma forma de patrulhamento ou triagem ideológica interna, com o objetivo de afastar ou neutralizar todos os que, não aceitando o policiamento do espírito ensalado pela ditadura militar, aceitavam muito menos a sua castração pela “ditadura totalitária em embrião”, que, embora fora do poder reconhecido, e por este verberada, se foi constituindo como uma espécie de poder mais temível: um poder fantasma, que, desde o princípio, no domínio do controle das opiniões, se mostrou mais forte do que o poder aparente. Da universidade — e independentemente dos governos por definição a ele contrários — esse poder fantasma se foi esparramando pelos cursos secundários e primários, invadindo “cursinhos”, orientando exames vestibulares, favorecido, em todos os casos, pelas insatisfações existentes e pelo apoio que sempre recebeu da incompetência e da mediocridade, numa espécie de acordo tácito: os incompetentes, os mediocres — e também os covardes — não eram (e continuam não sendo) incomodados, desde que se calassem (e continuem calados) e compactuassem.

Esse processo não se deteve, desde esse tempo, em momento algum, ganhando ainda mais impulso, mesmo que muitas vezes indireto, graças ao processo de sindicalização docente e às greves que o acompanharam, processo e greves que estão liquidando o pouco que resta do nosso ensino.

É nesse contexto que se deve entender a carta do leitor João Olyntho, um dos mais claros, insofismáveis e irrefutáveis depoimentos acerca da nova etapa do processo ideologizante que continua a desenvolver-se, agora com o bafejo oficial, particularmente em nosso Estado, certamente o mais importante de todos para os objetivos da esquerda totalitária. Curiosamente, o governo peemedebista, no Estado e no Município de São Paulo, pôs a Secretaria da Educação nas mãos dessa facção totalitária, com a escolha de secretários que nunca deixaram dúvida alguma acerca de seu engajamento ideológico. No Estado, depois de uma série de atos que mostravam claramente o seu comprometimento, mas não por causa deles, o antigo corifeu do janguismo a que fora entregue a Secretaria da Educação não conseguiu sustentar-se. No município, entretanto, o pertinaz trabalho de catequese não cessa, como o atesta a carta que citamos. Segundo o depoimento do sr. João Olyntho, que consideramos uma denúncia da maior gravidade, o concurso de acesso para diretores das escolas municipais foi realizado, em todas as suas etapas, com cartas marcadas do ponto de vista ideológico. Na própria organização da bibliografia, foram censuradas as obras dos nossos mais importantes educadores, especialmente na área de História e Filosofia da Educação, naturalmente por serem todos “pecadores”, isto é, espíritos liberais e abertos que, na variedade de suas crenças, lutaram sempre contra a ideologização do ensino. Tais obras foram substituídas por outras comprometidas com o marxismo e, o que é pior, com um submarxismo arquimedíocre, representado especialmente por um desses “intelectuais” da esquerda totalitária, especialista na repetição dos mais tolos e inconsistentes clichês, como os lembrados na carta do leitor.

O objetivo da discriminação ideológica desse concurso com cartas marcadas, descreve-o bem o missivista: “o condicionamento e triagem ideológica dos candidatos a um cargo de privilegiada importância estratégica em termos de proselitismo de consciências, pela sua ascendência hierárquica sobre o corpo docente e, por meio deste, sobre milhares de crianças e adolescentes em fase de formação intelectual”. É o processo de ideologização do ensino que continua em marcha, como um “grave atentado à liberdade de pensar e opinar, como também, por extensão, à de ensinar e aprender”, sob a inspiração ou, pelo menos, com a conivência, ao lado dos ideólogos, de políticos sem idéias e sem doutrinas, prontos a entregar o País ao totalitarismo se isso lhes render algo de imediato em termos eleitorais — ou mesmo sem render nada, por pura conivência intelectual e falta de grandeza.

Por tudo isso, é preciso que os espíritos lúcidos e corajosos não se calem e denunciem, a cada passo, a trama totalitária, como fez o nosso leitor e como devem fazer todos os que querem ver detida a ameaça sub-

desenvolvida do totalitarismo tupiniquim, tão bem representado, na semana que passou, pela prestação de vassalagem ao mercenário de Moscou de Havana, pelo radicalismo de sacristia, pelo “espoletismo” plutocrático-latifundista-progressista e pelo barbudismo são-bernardista.